

EDUCAÇÃO, RELAÇÕES DE GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA

Silvana Alves de Lima Scharf

Orientadora: Cláudia Regina Nichnig

RESUMO:

Estamos vivendo um momento de mudanças de paradigma principalmente no espaço escolar, as preocupações com o desenvolvimento, a convivência social, as relações de gênero e o respeito à diversidade vem ganhando espaço no currículo escolar. Focando nessas temáticas podemos perceber que atitude e convenções sociais discriminatórias em nossa sociedade ainda são amplas e constantes, por isso a preocupação em abordar o tema da inclusão desses grupos minoritários, buscando responder o seguinte questionamento: Como a escola pode colaborar efetivamente na construção de estratégias voltadas a superação de atitudes discriminatória na sociedade? Considerando que a escola é um espaço para se exercer a cidadania e o respeito aos direitos humanos, lugar propicio para a construção do conhecimento e transformação da resignificação de conceitos, praticas e atitudes, onde se incentiva uma reflexão de como se posicionar com equilíbrio em um mundo com tantas diferenças, com ética e cidadania respeitando e promovendo as diferenças. Este trabalho foi desenvolvido tendo como base o curso de formação continuada denominado Gênero e Diversidade na Escola que tem como objetivo o reconhecimento da diversidade cultural, a promoção da igualdade para todos e todas e o enfrentamento do preconceito de todas as formas de discriminação. Embasada na perspectiva sociocultural construtivista, esse trabalho teve como objetivo orientar e combater a discriminação e o preconceito na sociedade e principalmente no contexto escolar, além de inserir a articulação e implantação efetiva de temáticas como relação de gênero, orientação sexual e diversidade no contexto escolar, a fim de orientar os educandos a desenvolver uma postura crítica em relação ao processo de naturalização das diferenças, compreendendo as implicações éticas e política. O desafio esta em sintonizar o que rege os conteúdos dos documentos que norteiam a pratica docente com nossas atitudes no cotidiano escolar rompendo com essa lacuna que existe entre o que diz a teoria e o que de fato acontece na pratica.

Palavras - chave: Educação, Gênero, sexualidade e Diversidade.

ABSTRACT:

We are living a moment of paradigm shifts mainly at school, concerns about development, social relations, gender relations and respect for diversity is becoming more popular in the school curriculum. Focusing on these issues we can see that attitude and social conventions discrimination in our society are still ample and constant, so the concern to address the issue of inclusion of these minority groups, seeking to answer the question: How schools can collaborate effectively in building strategies aimed at overcoming discriminatory attitudes in society? Considering that the school is a space to exercise citizenship and respect for human rights, propitious place to build the knowledge and transformation of the redefinition of concepts, practices and attitudes, where it encourages a discussion of how to position themselves with balance on a world with so many differences, ethics and citizenship respecting and promoting the differences. This work was developed based on the continuing education course Gender and Diversity in Schools that aims to the recognition of cultural diversity, the promotion of equality for all and all and face the prejudice of all forms of discrimination. Grounded in sociocultural constructivist perspective, this study aimed to guide and combat discrimination and prejudice in society and especially in the school context, and insert the coordination and effective implementation of issues such as gender relations, sexual orientation and diversity in the school context, to guide the students to develop a critical attitude towards the naturalization of differences process, comprising the ethical and political implications. The challenge is in tune governing the content of the documents that guide the teaching practice with our actions in everyday school life breaking with the gap that exists between what the theory and what actually happens in practice.

Key - words: Education, Gender, Sexuality and Diversity

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo trata-se do trabalho final a ser apresentado no curso de Pós-graduação Lato Sensu Especialização em Educação, Diversidade e Redes de Proteção Social.

Tem como objetivo discutir a inclusão das temáticas de gênero e diversidade sexual no contexto escolar, os quais visam orientar o combate à discriminação e o preconceito na escola e na sociedade, bem como proporcionar a articulação e a implantação efetiva dessas temáticas no currículo escolar. O artigo visa discutir sobre as possibilidades dos educandos desenvolverem uma postura crítica em relação aos processos de naturalização das diferenças, compreendendo as implicações éticas e

políticas. A filosofia norteadora é busca constante por uma educação que respeite a diversidade e promova o respeito aos direitos humanos e a igualdade social, banindo com o preconceito e com todas as formas de discriminação social.

O artigo partiu das discussões propostas pelo curso Gênero e Sexualidade na escola¹, curso de formação continuada oferecida para profissionais da educação em especial aos professores, que fornece embasamento teórico e prático para que os professores possam abordar essas temáticas no espaço escolar, ampliando e aprimorando a formação dos educandos em torno do respeito a diversidade e ao combate às diversas formas de discriminação.

A metodologia se constitui na 1^o etapa através da disciplina Gênero e Sexualidade cursada pela acadêmica no curso de Pós-graduação, ministrado pela professora Claudia Regina Nichinig, onde despertou o interesse pelo tema e na realização do curso de formação continuada para professores cujo tema abordado foi Gênero, Sexualidade na Escola. Na 2^o etapa foi colhidos relatos e depoimentos de professores que lecionam do 5^o ao 9^o ano do ensino fundamental na escola estadual Bruno Heidrich, localizada no município de Mirim Doce,² Santa Catarina, onde foi questionado como era desenvolvida as temáticas de gênero e sexualidade no cotidiano escolar.

Foi possível constatar que apesar desses temas estarem inclusos nos Parâmetros Curriculares e abordados na Proposta Curricular, que é a base para o desenvolvimento do planejamento docente dos professores e pelos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), a grande maioria concordar e estar ciente de que esses temas devem ser desenvolvidos numa relação continua com a educação escolar, ainda assim é possível perceber que na realidade existe uma lacuna entre o

¹ O curso Gênero e Diversidade na Escola (GDE) é uma experiência inédita de formação de profissionais de educação à distância nas temáticas de gênero, sexualidade, orientação sexual e relações étnico-raciais. Este curso foi realizado no estado de Santa Catarina é resultado de uma articulação inicial entre diversos ministérios do Governo Brasileiro, tem como objetivo contribuir para a ampliação do debate e para o aprimoramento da formação em torno do respeito à diversidade e do combate às formas de discriminação envolvendo gênero, sexualidade e relações étnico-raciais.

² A colonização de Mirim Doce iniciou por volta de 1904 com a chegada dos alemães. Em 1914 vieram os caboclos e por volta de 1921 os italianos e posteriormente os alemães. Tendo como religião predominante o catolicismo.

que esta previsto nesses documentos e o que acontece na prática no cotidiano de fato quando se trata sobre educação sexual, gênero e diversidade.

Quando esses temas são abordados em sala de aula, normalmente acontece de forma involuntária sem planejamento trazido na maioria das vezes pelos próprios educandos abordados apenas pelo professor que está lecionando a disciplina naquele momento e não através de um projeto interdisciplinar envolvendo todo o corpo docente. Foi possível perceber que a maioria do corpo docente se sente constrangida e até inseguro para abordar temas como Gênero, sexualidade e diversidade, argumentam que não se sentem preparados para abordar esses assuntos e tem medo de ser mal interpretados pelos educando que banalizam na maioria das vezes essas temáticas e sofrer retaliações da sociedade principalmente dos pais, considerando que é um município pequeno onde predomina a estrutura familiar tradicional com restívos da cultura europeia e com paradigmas advindos da religiosidade conservadora.

E quando esses temas são abordados através de projetos, os professores se limitam apenas em desenvolver palestra e discussão sobre o bullying, doenças sexualmente transmissíveis - DSTs e gravidez precoce, restringindo-se a esses questionamentos e desviando-se do foco sobre educação sexual, gênero e diversidade que tem como objetivo promover conhecimentos sobre relação de gênero, orientação sexual e diversidade, cujo objetivo é oferecer aos educandos condições para argumentar, fortalecendo-os na construção de uma postura advinda de preceitos éticos, políticos com uma visão crítica para a valorização e promoção da diversidade.

Nesse sentido com a contribuição de alguns teóricos que nos possibilitou uma compreensão mais abrangente sobre os temas desenvolvidos os que mais nos inspiraram e contribuíram efetivamente para elaboração desse trabalho foram: Michel Foucault, que, a partir dos seus estudos, propiciou uma melhor compreensão da sexualidade e das relações de gênero no âmbito social. As abordagens de Guacira Lopes Louro, fornecendo argumentos fundamentais para a desconstrução estereótipos e convenções discriminatórias.

Segundo Robert Stoller

(...) à mescla de masculinidade e feminilidade em um indivíduo, significando que tanto a masculinidade como a feminilidade são encontradas em todas as pessoas, mas em formas e graus diferentes". Contrapondo-se à teoria

psicanalítica clássica, esse autor desenvolve a ideia de que a masculinidade ou a feminilidade não são naturalmente apresentadas ao sujeito por determinações biológicas, mas são características conquistadas culturalmente por ele. (1993, p. 28).

Deste modo, para entender os processos de desenvolvimento e socialização dos educandos, nos aprofundamos no conhecimento social e cultural considerando o contexto social no qual os educandos estão inseridos, reconhecendo os como sujeito ativo das suas aprendizagens mediando os elementos chave entre conceito e conhecimentos prévios trazido pelos educandos.

Para desenvolver esse trabalho me fundamentei na análise das correntes teóricas construtivista e histórico-cultural de Piaget e na perspectiva histórico-cultural de Vygotsky e nos seus colaboradores. Segundo Madureira e Branco:

(...) considerando o papel ativo do sujeito em seu desenvolvimento (ênfase pelo construtivismo) e a importância do contexto simbólico social (ênfase pela perspectiva histórico-cultural) a perspectiva sociocultural construtivista é uma tentativa de superação do unidirecionamento dos estudos psicológicos, que ora ressaltam a importância do indivíduo e esquecem o contexto ora valorizam o contexto e colocam em segundo plano o papel ativo e intencional do sujeito psicológico (Madureira & Branco, 2005, p.91).

Através dessas teorias, pretendemos de forma didática apresentar e discutir como estão sendo abordados e desenvolvidos os temas como: relação de gênero, orientação sexual e diversidade. Considerando a interdisciplinaridade que deve nortear o desenvolvimento desses temas junto às demais disciplinas que regem o currículo escolar, buscando entender e analisar a importância da compreensão desses movimentos sociais.

2. O AMBIENTE ESCOLAR FRENTE À ORIENTAÇÃO SEXUAL E A IDENTIDADE DE GÊNERO

A escola exerce papel fundamental na orientação sexual e na identidade de gênero, considerando que é nesse ambiente que crianças e adolescentes vivenciam grande parte de suas experiências e expressam a suas opções sexuais e identidade de gênero, e conseqüentemente vivenciam na escola situações de aprovação e

desaprovação pelo grupo, vivenciado inclusive experiências de discriminação e preconceito. Para Stoller

(...) todo indivíduo tem um núcleo de identidade de gênero, que é um conjunto de convicções pelas quais se considera socialmente o que é masculino ou feminino. Este núcleo não se modifica ao longo da vida psíquica de cada sujeito, mas podemos associar novos papéis a esta "massa de convicções".
(1978)

A partir deste conceito de gênero e suas representações sociais e culturais, elaboradas a partir das diferenças biológicas, considerando que essas diferenças podem ser socialmente construídas, culturalmente determinada de acordo com o contexto histórico no qual o sujeito está inserido, utilizo os conceitos de Joan Scott (1995), as definições propostas por Miriam Grossi (1998, 2010), embasadas na ideia de identidade de gênero. Essas premissas contribuem para compreendermos as definições desses temas e suas relevâncias no contexto escolar.

Partindo das definições de gênero trazidas pelos autores e autoras que dialogo, como uma representação do masculino e do feminino que não são definidas biologicamente, e que sofrem modificações culturais e históricas.

Portanto, diversamente do que Robert Stoller tinha proposto, de que gênero era o sexo social\cultural, em que o sexo se referia apenas as definições biológicas, para Joan Scott o gênero é constituído por relações sociais fundamentadas nas diferenças entre os sexos e constituído nas relações de poder.

Em estudo sobre gênero no campo educacional, Joan Scott, historiadora norte-americana feminista que trouxe o conceito de gênero a partir do campo da história, entendendo-o como “[...] uma primeira forma de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1986). A autora conceitua gênero priorizando os processos históricos e sociais presentes na construção do feminino e do masculino, rejeitando quaisquer proposições e explicações essencialistas e excludente nos conceitos de identidades sexuais e de gênero pautadas pelo determinismo biológico, desconstruindo as hierarquias existentes nas oposições conjugadas entre homens e mulheres.

Podemos, então, definir gênero como um conjunto de expressões que usamos para distinguir o masculino e o feminino. A sociedade constrói significados, símbolos,

cria rótulos e características para definir cada um dos sexos, a essa construção social dá-se o nome de relações de gênero.

O cenário histórico da educação durante muitos anos propiciou ações excludentes sobre o tema da diversidade sexual e das relações de gênero, segundo as análises de pesquisadores/as como Silva (1993, 2000, 1994, 1998), Larrosa (1994) e Walkerdine (1998). Para estes autores/as, há uma persistência na educação de proposições cristalizadas e essencialistas para pensar a identidade, que podemos transferir também para nossa análise acerca do gênero. A educação foi marcada por uma concepção do sujeito baseada em proposições herdadas da Psicologia da Aprendizagem e da Psicologia do Desenvolvimento, repletas de descrições normativas e naturalizadas, legitimadas pela Biologia, e particularmente por uma determinada leitura darwinista da evolução, fazendo com que o olhar sobre a diversidade fosse ordenado e sistematizado em uma escala hierárquica de desenvolvimento.

Nessa perspectiva podemos perceber a importância de políticas sociais educacionais e práticas pedagógicas inclusivas que garantam uma formação de qualidade aos educandos um ambiente escolar aberto à igualdade de oportunidade e o reconhecimento das diversas orientações sexuais e identidades de gênero, sem vínculos com religiosidade.

Quando estiver acontecendo o desenvolvimento desses temas no espaço escolar, o professor deve coordenar pra que esses não estejam vinculados com a religiosidade e visão essencialista, a fim de omitir os acontecimentos e a evolução social, esse espaço deve ser benéfico com liberdade para reflexão considerando a evolução e as comprovações científica com alicerces para combater à discriminação e o preconceito, em favor da consolidação da democracia pautada em uma educação que valorize a diversidade e respeite os direitos humanos, pois é nesse espaço que eles exercem sua cidadania e constrói suas identidades e reflexões.

Transposta nos estudos foucaultianos, Guacira Lopes Louro investiga especificamente o tratamento dado pela instituição escolar a questões como gênero e homossexualidade:

O processo de ocultamento de determinados sujeitos pode ser flagrantemente ilustrado pelo silenciamento da escola em relação aos/as homossexuais. No entanto, a pretensa invisibilidade dos/as homossexuais no espaço institucional pode se constituir, contraditoriamente, numa das mais terríveis evidências da implicação da escola no processo de construção das diferenças. De certa forma, o silenciamento parece ter por fim “eliminar” esses sujeitos, ou, pelo menos, evitar que os alunos e as alunas “normais” os/as conheçam e possam desejá-los/as. A negação e a ausência aparecem, nesse caso, como uma espécie da garantia da “norma”. (LOURO, 2001, p. 89).

Esse ocultamento provavelmente seja explicado à visão retrógada e conservadora de ao trazer a discussão desses temas em sala de aula possa encorajar e incentivar os educandos a praticas homossexuais e ao desvio de caráter, além de ferir a moral e a religiosidade historicamente pregada pelas instituições religiosas.

Ainda segundo Louro:

É comum às escolas tratarem gênero e sexualidade como sendo sinônimos, padronizando um modo único e adequado do que é o masculino e o feminino e possibilitando, de uma única maneira apenas, a forma de viver a sexualidade. Tece-se uma complexa trama normativa que estabelece uma linha de continuidade entre o sexo (macho e fêmea), o gênero (masculino e feminino) e a orientação sexual que se direciona “naturalmente” para o sexo oposto. (LOURO, 2003,p.41).

Na educação escolar, é importante que o tema estudo de gênero esteja presente, principalmente nas discussões sobre as estruturas de poder, na escolha de conteúdos e métodos de ensino, nas atividades de lazer, no desenvolvimento social e cognitivo de meninos e menina.

De acordo com o filósofo René Hubert, a educação é um conjunto de ações e influencias exercida voluntariamente por um ser humano em outro. No sentido técnico, a educação é o processo continuo de desenvolvimento das faculdades físicas, intelectuais e morais do ser humano, a fim de melhor se integrar na sociedade.

Nesse sentido a escola desempenha um papel importante na construção das identidades de gênero, interferindo na constituição dos sujeitos que nela circulam,

reproduz e reflete as concepções de gênero e sexualidade que circulam na sociedade.

A inclusão das temáticas da mulher, após a inclusão das discussões sobre as mulheres, e após os estudos das relações de gênero, foram propostas desde as décadas de 80, e principalmente após os anos 90. Sendo que no Brasil, primeiramente o debate dessas temáticas foram realizadas por áreas como a sociologia, a psicologia, a história, a crítica literária e a antropologia.

Apesar das conquistas, ainda é possível perceber resistência para se trabalhar esses temas de forma concreta no espaço escolar tendo em vista a ausência de legislações e a possibilidade de abordar as temáticas de forma transversal. Assim, resta apelar aos educadores sobre a necessidade da inclusão desses temas.

Algumas profissionais da educação perceberam a necessidade da implantação desta discussão efetiva das temáticas como as relações de gênero, as discussões sobre as identidades sexuais e de gênero, a fim de promover não só a difusão do conhecimento científico, mas o pleno exercício da cidadania e o respeito aos direitos humanos.

Dada às mudanças que vem ocorrendo no âmbito educacional, principalmente na grade curricular, enfatizando a introdução desses temas como a orientação sexual e a identidade de gênero, fruto da necessidade contemporânea de nossos educandos, frente à transformação social na qual estamos vivendo. Assim, a escola como instituição social exerce um papel fundamental na mudança de postura, considerando que é um espaço de formação humana, de construção de valores e práticas democráticas.

A atualização do currículo e a inclusão desses temas de forma interdisciplinar na sala de aula ainda é um desafio, mas se faz necessário intensificar esses debates devido às transformações sociais, a fim de aderir e construir com os educandos uma reflexão crítica, pois acredita – se que o currículo é capaz de indicar o caminho e conseqüentemente interferir nos processos de transformação social.

Como nos relata alguns professores que lecionam na Escola de Educação Básica Bruno Heidrich com as turmas do quinto ao nono ano as suas experiências e relatos de como são abordados os temas como gênero, sexualidade e diversidade no ambiente escolar. As entrevistas e discussões ocorreram entre junho e setembro de 2015, onde procurei selecionar professores que lecionam do quinto ao nono ano em áreas diferentes, selecionamos quatro professores e que estão em convívio diário com os educandos, observando, orientando e analisando o comportamento dos educandos no espaço escolar.

Desta forma entrevistamos uma professora de física, Ana Altino de França, uma segunda professora de turma Solange de Asis Packer, um professor de biologia Dogla Bruno Kock e um professor de história Marizete Brandes Isidoro, o contato se deu através da diretora em momentos de conversas e discussão que envolvia os temas, as entrevistas, tiveram duração de 15 a 20 minutos, foram realizadas dentro do ambiente escolar individualmente e em alguns momentos com todo o corpo docente nas salas dos professores, geralmente nos intervalos e aulas atividade. Os professores relataram situações em sala de aula em que foram desenvolvidos e abordados essas temáticas de gênero, sexualidade e diversidade e como os docentes e discente e os pais se manifestaram, evidenciando suas crenças, paradigmas e forma de debater as temáticas.

“Vejo que esses temas devem ser discutidos com os educandos, mas considerando a idade\serie a qual os educando estão inserido respeitando paradigmas, conceitos e doutrinas a qual a família acredita ser o certo, as famílias esperam e acreditam que a escola tem obrigação de orientar os educandos sobre esses assuntos, mas ao mesmo tempo critica a forma como a esses temas são abordados, usando nomes próprios e definições, falando claramente sobre a temática.” (Professora Ana Altino de França). Nas aulas de biologia quando acontece a discussão envolvendo a temática da sexualidade parecem situações onde o professor é chamado a posicionar-se como nos relata a segunda professora de turma (Solange de Asis Packer) a respeito de ocasiões em que aparece no cotidiano escolar como por exemplo quando um aluno se encontrava com dificuldades por aceitar e entender a homossexualidade e as definições de gênero: “professora, eu tenho um jeito diferente dos outros meninos e por isso eles ficam rindo e me imitando, eles não querem que eu faça parte do grupo. Trecho trazido pela segunda professora de turma,

Solange”. Em outros momentos, os alunos extravasam a expressão da sexualidade na sala de aula como explicitado pela Professora de história (Marizete Brandes Isidoro: “Esses assuntos estão sendo trazidos para a sala de aula com constância de uns tempos pra cá”. Era muito mais reservado, agora não, se você não intervir eles vão falando discutido sobre sexualidade e diversidade de gênero de forma banal e sem fundamentos relatam experiências que não trazem significados como se não tivesse valores e princípios éticos, apesar de seus familiares demonstrarem o contrario, mas é na escola que eles extravasam suas duvidas e curiosidades.

Parece que a fluidez dos relacionamentos que caracterizam não só a juventude como a contemporaneidade, como bem explicita Bauman (2004),vem ocupar um lugar de destaque nas falas dos professores: “(...) tem o lado emocional também que eles se apaixonam e ficam indeciso sobre sua sexualidade, né? ”. De vez em quando eles estão sofrendo de paixão, eles vem conversar, às vezes a minha aluna vem contar: “Eu tava gostando do menino, aí eu saí uma vez e ele não quer mais saber de mim, mas eu tô gostando dele, eu achei que ele gostasse de mim” relate a professora Marizete . Aí eu intervenho né tem que conversar: “Ah! a vida é assim, a gente sofre um pouquinho mas você vai conhecer outras pessoas”(...)A sensação que eu tenho que eles são muito precoce e vive sem medir as consequências de seus atos.” (Professora Solange) “(...) Você tá passando o assunto no quatro , você ouve a garota falar que saiu com fulano, que transou com fulano de uma forma natural, eu acho que na idade deles isso não é natural (...) eu tenho garotas (alunas) que com 16 anos, já estão grávidas com uma vida sexual mais ativa do que muita gente que eu conheço, então o que acontece, há uma banalização da coisa (...) eu falo pra eles: “como que você fica numa festa? Se você não conhece a pessoa, você sai beijando?(...) você não sabe nada dessa pessoa e sai se dando assim de qualquer maneira?”” (Professora Marizete).

Os depoimentos dos professores demonstram uma preocupação e sabem da importância de abordar e desenvolver essas temáticas, mas ao mesmo tempo demonstra não estar preparados e seguros para direcionar a discussão de forma abrangente e norteada através de conhecimentos e teorias que abordam a temática no contexto escolar.

A diversidade faz parte do nosso cotidiano, reconhecer as diferenças de cada ser humano, nas relações sociais sua especificidade de gênero e orientação sexual são temas constantes na mídia o que tem feito a escola a debater o tema trazido na maioria das vezes de forma espontânea pelo educandos.

Nesse processo de transformação social a escola busca subsidiar a discussão e o entendimento desses temas, através de intervenção, aliada ao conhecimento buscando em seus educando uma mudança de postura frente ao preconceito e a discriminação.

Foucault nos leva a refletir sobre sexualidade fazendo uma provocação numa visão de superação e ampliação do tema na direção de uma variedade e fluidez das identidades sexuais e de gênero, para evitar as armadilhas de novas normas identitárias que apenas ampliam os limites da tolerância. Assim, propõe a invenção de novos modos de vida que possam abrir para virtualidades relacionais e afetivas. Pois, para Foucault (1995, p. 239), a grande resistência política na modernidade talvez:

(...) não seja descobrir o que somos, mas recusar o que somos (...) o problema político, ético, social e filosófico de nossos dias não consiste em tentar libertar o indivíduo do Estado nem das instituições do Estado, porém nos liberarmos tanto do Estado como do tipo de individualização que a ele se liga. Temos que promover novas formas de subjetividade, através da recusa deste tipo de individualidade que nos foi imposto há séculos. (Foucault,1995,p.239)

Falar sobre sexualidade por incrível que pareça ainda gera polêmica apesar dos meios de comunicação trazerem com frequência a temática, para a maioria dos familiares ainda é constrangedor falar sobre sexo com seus filhos. Os pais alegam que por causa da educação que receberam de seus familiares e por medo de sofrerem repressão não se sentem a vontade para abordar esse tema com seus filhos.

Sendo assim a maioria dos jovens ficam desorientados e quando não acontece a intervenção da escola para orientação, a juventude busca sanar suas dúvidas e curiosidade com colegas e nos meios de comunicação. Neste contexto, a escola tem grande importância e deve distinguir com clareza que educação sexual acontece no seio familiar. É uma experiência pessoal contida de valores e condutas transmitidos pelos pais e por pessoas que o cercam. Já a orientação sexual é dada pela escola

onde são feitas discussões, reflexões e questionamentos sobre a postura, tabus, crenças e valores a respeito de relacionamentos e comportamentos sexuais, abrangendo o desenvolvimento sexual com informações formais e sistematizadas que constitui em uma proposta objetiva de intervenção por parte dos educadores.

O que nos leva a refletir sobre a importância da escola abordar com seriedade e comprometimento focando na proposta que trazem os parâmetros curriculares sobre sexualidade e sua relevância para a construção da cidadania, de uma sociedade livre de falso moralismo com base em conhecimento e orientação adequada para abordar e desenvolver a sexualidade com responsabilidade e amadurecimento.

As discussões sobre sexualidade na escola visam transmitir informações de maneira verdadeira e adequada; a eliminação do preconceito e a atuação na área afetivo-emocional. Apesar das estatísticas mostrarem que através de políticas públicas voltadas para a conscientização sobre diversidade sexual e de gênero nas escolas estas ainda enfrentam muitas dificuldades como a falta de habilidade e capacitação dos professores e conhecimento e esclarecimento da comunidade. Assim, as temáticas de gênero e sexualidade são vistas pela escola como fundamentais para que os estudantes garantam o seu acesso e sua participação na sociedade, sem discriminação por motivo de identidade de gênero e orientação sexual.

3. O DESAFIO DE CONVIVER COM A DIVERSIDADE

A dificuldade em aceitar as diferenças são as principais causas do preconceito e discriminação na atualidade, a intolerância à diversidade não pode mais ser aceita e deve ser banida da sociedade.

Perceber a importância do respeito à diversidade é fundamental, notar que as diferenças existem e consolidar em benefício do desenvolvimento humano é um desafio para desfragmentar a sociedade e prevalecer o direito constitucional de que somos todos iguais independentes de qual quer diferenças.

Sendo assim, é preciso uma mudança no pensamento e principalmente na atitude das pessoas de modo a aceitar as diferenças e compreender que somos iguais nos direitos e deveres perante o meio social, apesar de ocupar diferentes

classes e funções, as diferenças culturais, étnicas, de gênero, orientação sexual, religiosas, entre outras que se manifestam de outros modos de expressão todas vem reivindicando igualdade e reconhecimento político e cultural.

No espaço escolar as diferenças também estão cada vez mais explícitas e desafiam visões e práticas profundamente enraizadas na cultura escolar. A cultura escolar dominante em nossas instituições educativas prioriza o comum, o uniforme, o homogêneo tendo muita dificuldade em reconhecer e valorizar as diferenças.

Segundo Gimeno Sacristán:

Uma das aspirações básicas do programa pro-diversidade nasce da rebelião ou da resistência às tendências homogeneizadoras provocadas pelas instituições modernas regidas pela pulsão de estender um projeto com fins de universalidade que, ao mesmo tempo, tende a provocar a submissão do que é diverso e contínuo “normalizando-o” e distribuindo-o em categorias próprias de algum tipo de classificação. Ordem e caos, unidade e diferença, inclusão e exclusão em educação são condições contraditórias da orientação moderna. E, se a ordem é o que mais nos ocupa, a ambivalência é o que mais nos preocupa. A modernidade abordou a diversidade de duas formas básicas: assimilando tudo que é diferente a padrões unitários ou “segregando-o” em categorias fora da “normalidade” dominante. (2001, p. 123-124)

A rotina escolar se renova constantemente com miscigenação de raça, cultura, diferenças de gênero e sexualidade dentre outros aspectos, essas mudanças vem exigindo cada vez mais renovação no processo de escolarização, metodologia e postura dos educadores, propondo romper com a estrutura curricular fechada e com a homogeneidade escolar.

Sendo assim, a escola não pode ignorar as diferenças existentes, a diversidade deve ser valorizada, acreditando que as diferenças possam fortalecer e oferecer a todos os sujeitos envolvidos oportunidades de aprendizagem. Podemos perceber que a instituição de ensino que esteja aberta a todos, que estimule a participação de cada educando e aprecie as diferentes experiências humanas, reconhecendo o potencial de todos é uma instituição que possibilita a concretização dos direitos humano e supre com as necessidades exigidas de acordo com a realidade a qual esta inserida.

A conhecida pesquisadora argentina Emília Ferreiro (2001) se expressa sobre esta questão e, referindo-se ao contexto latino-americano e à dificuldade da escola

pública dos nossos países, desde o início de sua institucionalização, de trabalhar com as diferenças, afirma:

A escola pública, gratuita e obrigatória do século XX é herdeira da do século anterior, encarregada de missões históricas de grande importância: criar um único povo, uma única nação, anulando as diferenças entre os cidadãos, consideradas como iguais diante da lei. A tendência principal foi equiparar igualdade à homogeneidade. Se os cidadãos eram iguais diante da lei, a escola devia contribuir para gerar estes cidadãos, homogeneizando as crianças, independentemente de suas diferentes origens. Encarregada de homogeneizar, de igualar, esta escola mal podia apreciar as diferenças. Lutou não somente contra as diferenças de língua, mas também contra as diferenças dialetais da linguagem oral, contribuindo assim para gerar o mito de um único dialeto padrão para ter acesso à língua escrita.(FERREIRO, 2001)

Basta termos um olhar crítico para a história da humanidade e perceber que ela nos revela, com muita clareza, que nenhuma sociedade se constituiu e se torna bem sucedida, sem não favorecer a convivência humana, a igualdade, a conservação dos seus direitos e o respeito á diversidade de todos os sujeitos que a constitui.

A educação tem, nesse cenário, papel fundamental, sendo a escola o espaço no qual favorece, a todos os cidadãos, o acesso ao conhecimento e o desenvolvimento historicamente produzido pela humanidade e de sua utilização no exercício efetivo da cidadania. E conclui:

É indispensável instrumentalizar didaticamente a escola para trabalhar com a diversidade. Nem a diversidade negada, nem a diversidade isolada, nem a diversidade simplesmente tolerada. Também não se trata da diversidade assumida como um mal necessário ou celebrada como um bem em si mesmo, sem assumir seu próprio dramatismo. Transformar a diversidade conhecida e reconhecida em uma vantagem pedagógica: este me parece ser o grande desafio do futuro (apud Lerner, 2007, p.7).

Podemos constatar que a construção de uma escola inclusiva a diversidade e as diferenças implicam em transformações das atitudes e praticas das relações sócias, tanto no âmbito político, administrativo, como didático-pedagógico, levando em conta o potencial e o interesse de cada educando.

4. GÊNERO, SEXUALIDADE E DIVERSIDADE NA ESCOLA: UM DIREITO CONQUISTADO

Devido às lutas constantes pela igualdade de gênero, étnico-racial e também pelo respeito à diversidade é possível observar algumas conquistas significativas contra o preconceito, apesar de ainda existir atitudes e convenções sociais discriminatórias, elas não são mais predominante na sociedade e a tendência é a naturalização das diferenças principalmente no espaço escolar.

Vista as diferenças numa perspectiva relacionadas às identidades culturais e concebidas como construções sociais, dinâmicas e históricas a escola tem um papel importante de reconhecer e valorizar essas diferenças em benefício de aprendizagem dos educandos ,através de efetivo trabalho envolvendo essas temáticas em função da construção de uma sociedade que respeite a diversidade e conquiste a democracia.

Nessa conquista podemos citar como exemplo leis, documentos e cursos que regem a prática docente, dentre eles cabe destacar os PCNs, a Proposta Curricular, o curso de formação continuada Gênero e Diversidade na Escola e mais recentemente a Base Nacional Curricular, documento que esta em construção, mas que aborda essa temática numa visão construtiva de valorização das diferenças.

Dentre eles vamos ressaltar os PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais, em que as temáticas abordadas neste artigo são consideradas Temas Transversais, a serem aborda do quinto à oitava série (MEC/ SEF, 1998). Nesse documento, a educação sexual no âmbito escolar é concebida como tema transversal, ou seja como temática que deve perpassar todas as disciplinas ministradas nas escolas, devem ser trabalhadas a partir de três eixos norteadores:(a) corpo: matriz da sexualidade;(b) relações de gênero;(C) prevenção das doenças sexualmente transmissíveis/AIDS.É destacar que o trabalho de orientação sexual “ (...) supõem refletir sobre se contrapor aos estereótipos de gênero, raça, nacionalidade, cultura e classe social ligados a sexualidade (...) ”(1998,p.316).

Podemos observar grandes conquistas no exercício dos direitos, por parte de seus cidadãos, porem os desafios ainda é grande não bastam termos leis e documentos que assegurem nossos direito, a mudança principal esta na transformação da mentalidade, atitudes e praticas que adquirem as ações que promovam a discussão desses temas, motivem a reflexão individual e coletiva e contribuam para a superação e eliminação de qualquer tratamento preconceituoso. A

escola é um cenário propício, pois tem como elemento principal de transformação os educandos através de eles e com profissionais habilitados combater e fortalecer a ação de combate à discriminação e ao preconceito.

5. CONCLUSÃO

Podemos perceber a importância de desenvolver temas como sexualidade, gênero e diversidade de forma efetiva com profissionais capacitados, visto sua importância e contribuição para a superação de atitudes discriminatória na sociedade, principalmente no espaço escolar, a busca constante por estratégias para combater a discriminação e o preconceito deve reger a nossa prática docente diariamente.

O desafio está em sintonizar o que rege os conteúdos dos documentos que norteiam a prática docente com nossas atitudes no cotidiano escolar rompendo com essa lacuna que existe entre o que diz a teoria e o que de fato acontece na prática, tendo o espaço escolar como cenário propício para debater, orientar e desenvolver esses temas sendo função do professor orientar e intermediar sobre as atitudes e crenças sobre a sexualidade, a escola tem como função transformar essas diferenças em elementos que contribuam para o conhecimento dos educandos, buscando subsídios para combater o preconceito e a discriminação, preservando a busca pela formação ética e moral.

Levar as questões relacionadas a gênero, sexualidade e diversidade para dentro de sala de aula exige conhecimento teórico e, ao mesmo, a compreensão de como desenvolver esses temas articulando a interdisciplinaridade com as demais disciplinas que compõem o currículo.

Podemos perceber que a maioria dos professores se demonstram inseguros para abordar essas temáticas de forma mais pertinente porque lhes falta conhecimento não tendo clara a concepção de aprendizagem, conhecimento das temáticas ficando em função de uma preocupação em *ajudar* os alunos e preservar crenças pertinentes para seu contexto. Diante disto podemos perceber que falta preparação dos professores para abordar gênero, sexualidade e diversidade, para

desenvolver essa temática na escola com o objetivo de enfrentar a discriminação e o preconceito no contexto escolar.

Como podemos perceber a escola esta camuflando seu importante papel político de instrumento de modificação social, é preciso investir na formação de seus professores sobre a orientação/educação de gênero, sexualidade e diversidade na escola, estamos certos de que incorporar o debate de Gênero e Diversidade na escola de forma efetiva é o caminho mais consistente e promissor para a transformação de uma sociedade sem intolerância, mais plural e democrática.

6. REFERÊNCIAS

AUAD, Daniela. **Feminismo: que história é essa?** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

BARREIROS, C. H. **Quando a diferença é motivo de tensão: um estudo de currículos praticados em classes iniciais do ensino fundamental**, Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Educação. PUC-Rio, 2006.

GIMENO SACRISTÁN, J. Políticas de la diversidad para una educación democrática igualizadora; In: SIPÁN COMPAÑE, A. (coord.) **Educar para la diversidad en el siglo XXI** Zaragoza: Mira Editores, 2001.

GROSSI, Miriam Pillar; LAGO, Mara Coelho de Souza. Gênero e Diversidade na escola: uma experiência coletiva e transformadora. In: MINELLA, Luzinete Simões; CABRAL, Carla Giovana (Orgs.). **Práticas Pedagógicas e emancipação: gênero e diversidade na escola**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2009.

LERNER, D. (2007) Enseñar en la Diversidad. Conferencia dictada en las Primeras Jornadas de Educación Intercultural de la Provincia de Buenos Aires: **Género, generaciones y etnicidades en los mapas escolares contemporáneos. Dirección de Modalidad de Educación Intercultural**. La Plata, 28 de junio de 2007. Texto publicado en Lectura y Vida. Revista Latinoamericana de Lectura. Buenos Aires, v.26, n.4, dez.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, Sexualidade e educação: **Uma perspectiva pós estrutural** lista. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, G. L.(2003). Currículo, gênero e sexualidade: **o diferente e o 'excêntrico**. EM. G.L. Louro; JF. Neckel &.S.V Groeliner (orgs) , contemporânea na educação (pp.41.52). Petrópolis: Vozes.

Madureira, A. F.A, Branco, A. U. Construindo o com o outro: uma perspectiva sociocultural construtivista do desenvolvimento humano. In: Deisen & A.L. Costa Junior (orgs.) **A ciência do desenvolvimento humano**: tendências atuais e perspectivas futuras. Porto Alegre: Arte medica, 2005, p.90-109.

MINELLA, Luzinete Simões; CABRAL, Carla Giovana (Orgs.). **Práticas Pedagógicas e emancipação**: gênero e diversidade na escola. Florianópolis: Editora Mulheres, 2009.

Foucault, Michel. **A história da sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

GROSSI, Miriam Pillar. Identidade de gênero e sexualidade. **Antropologia em primeira mão**, Florianópolis, n. 24, p. 1-18, 1998. (Versão revisada, 2010).

Heilborn Maria Luiza; Rodhen , Fabíola. Gênero e diversidade na escola: a ampliação do debate. In: **Gênero e diversidade na escola**: formação de professoras/ES em Gênero, sexualidade, orientação sexual e relações étnico-raciais. Livro de Conteúdos. Versão 2009. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009.

SCOTT, Joan. **La Citoyenne Paradoxale**: les féministes françaises et les droits de l'homme. Paris: Ed Albin Michel, 1998.

SCOTT, Joan Wallach. "Gênero: uma categoria útil de análise histórica". **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71 – 99.

STOLLER, Robert. **Masculinidade e feminilidade (apresentações de gênero)**. Porto Alegre: Artmed, 1993.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.) **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 3 ed. Petrópolis, Vozes,2004.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Nunca fomos humanos**: nos rastros do sujeito. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 176.el em: . Acesso em: 10 de agosto de 2015.